



## **O REGISTRO E A ORGANIZAÇÃO DO MAPA GUATÓ – CORUMBÁ – ILHA INSUA – MS**

Fabio Silva Martinelli<sup>1</sup>

Eixo temático: **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADE FRONTEIRIÇAS**

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar a elaboração de um mapa contendo dados sobre a Etnia Guató presentes na área indígena localizada na Ilha Insua, no município de Corumbá - MS. A partir do levantamento de uma série de informações, o mapa apresentará a localização das residências, imagens e informações sobre seus moradores. Este projeto faz parte dos trabalhos de pesquisa que estão sendo desenvolvidos pelos alunos do Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal/MS<sup>2</sup> e que visa o registro e a produção de materiais que possam ser utilizados com ferramentas pedagógicas nas escolas indígenas.

**PALAVRAS CHAVES:** Geoprocessamento; Pantanal; Ilha Insua; Etnia Guató

### **1 INTRODUÇÃO**

Com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre as populações indígenas presentes no Estado do Mato Grosso do Sul, este projeto pretende realizar um levantamento de informações que, organizadas, serão transformadas em um mapa digital contendo dados sobre a terra indígena pertencente à Etnia Guató localizada na ilha Insua, município de Corumbá - MS.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso Normal Médio Indígena Povos da Região do Pantanal MS – Área Geografia

<sup>2</sup> O Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal esta vinculado ao Centro Estadual de Formação de Professores Indígenas do Mato Grosso do Sul/ Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS).

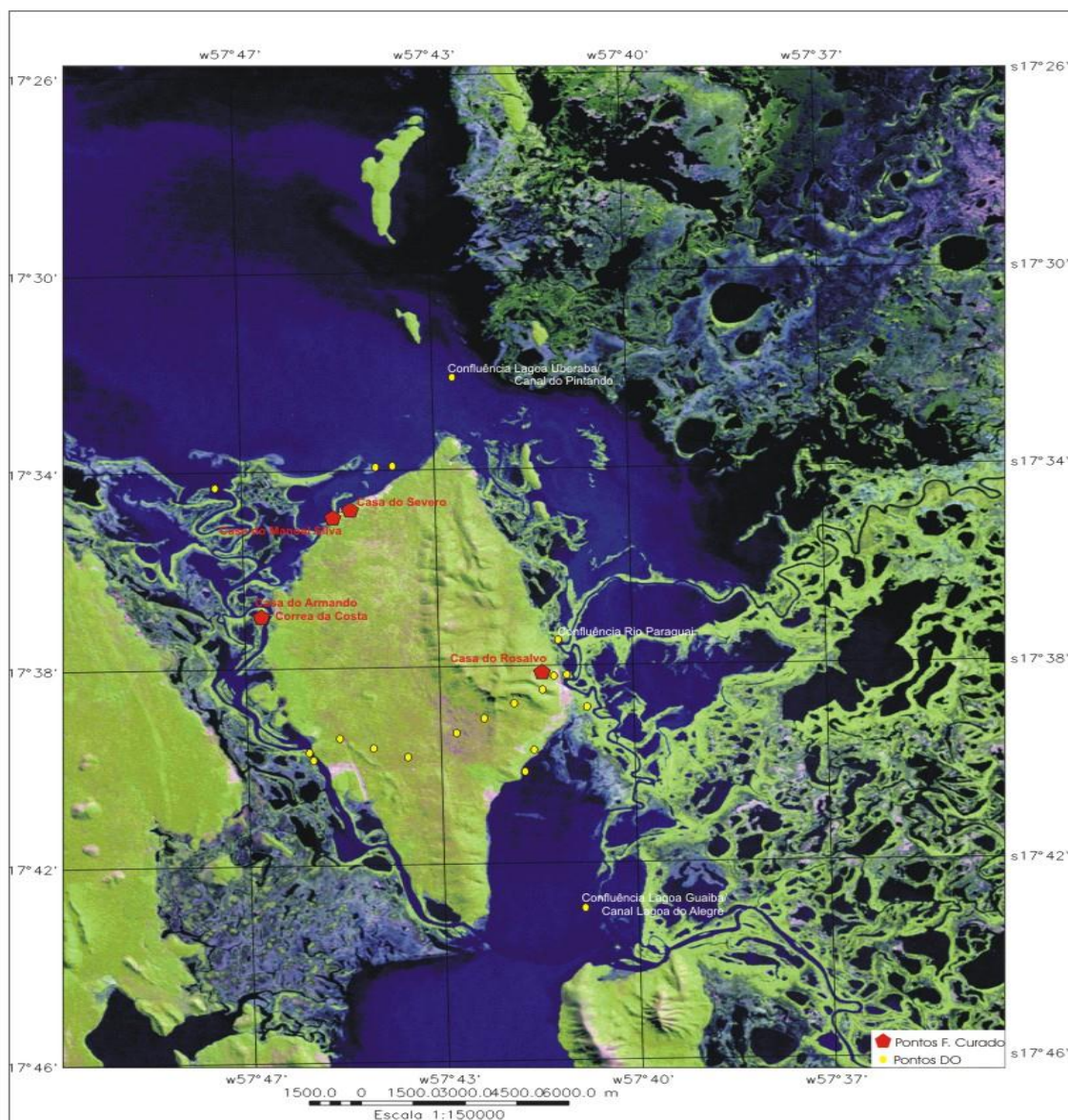


Localização da Ilha Insua – Município de Corumbá (ponto vermelho)

A ideia da elaboração deste material surgiu a partir da definição dos trabalhos de conclusão de curso dos alunos do Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal/MS<sup>3</sup>. O curso de Formação de Professores Indígenas teve início no ano de 2007, com 106 cursistas matriculados das etnias Guató, Atikum, Ofayé, Kinikinau, Kadiwéu e Terena. Com o propósito de estimular a pesquisa e a produção de materiais didáticos, os alunos do curso foram orientados pelos professores a desenvolver pesquisas em diversas temáticas seja nas áreas de Língua e Linguística, História, Geografia, Antropologia entre outras.

---

<sup>3</sup> O Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal esta vinculado ao Centro Estadual de Formação de Professores Indígenas do Mato Grosso do Sul/ Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS).



Ao sul da ilha está a base do Exército Brasileiro que realiza as operações de vigilância na fronteira entre Brasil e Bolívia. Mais ao norte esta localizada a área indígena Guató. As pesquisas históricas demonstram um longo processo de luta pela homologação de sua terra. De acordo com Giovani José da Silva há registros da presença dos Guató a partir do século XVI:

A primeira referência que se conhece na literatura é de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (1984), que cita os índios Guató em passagens de seus *Commentarios*, sobre uma expedição feita ao Mar de Xaraés no século XVI. Outros autores, como Guzman e Hervas y Azara, citaram os Guató em seus escritos ainda nesse século. Em 1633, os Guató são mencionados entre as nações de “índios infieis” a serem submetidos às pregações dos padres da Companhia de Jesus. Em *El Paraguay Catolico*, o padre Sánchez Labrador (1910) relata que alguns Mbayá-Guaikuru haviam lhe falado, em 1767, sobre os Guató, indígenas que cultivavam milho, abóbora, batatas e algodão em pequenas roças plantadas sobre “aterrados” – terrenos elevados artificialmente com conchas e areia para não serem inundados pelas enchentes. (SILVA, Giovani José: 2008)

Ao longo dos séculos XVII e XVIII a referencias as populações indígenas através dos relatos de missionários e bandeirantes:

A documentação existente sobre o século XVII diz respeito, sobretudo, a fontes textuais produzidas por padres da Companhia de Jesus que atuaram em missões constituídas para o trabalho de catequese entre povos indígenas no Pantanal. Nessas fontes, muito pouco se encontrou sobre os Guató. Para o século seguinte, visto que no início dos oitocentos os bandeirantes atingiram a porção setentrional da bacia do alto Paraguai, onde o Pantanal está inserido, e ali descobriram ouro no vale dos rios Coxipó e Cuiabá, os Guató passaram a ser citados em um número maior de documentos, desta vez não mais hispano-americanos, mas luso-brasileiros. (SILVA, Giovani José: 2008).

As pesquisas históricas revelam o processo de expansão das frentes econômicas e a pressão sobre as terras ocupadas pelos Guató que se intensificam no século XIX. Conforme destacado abaixo:

Já no século XIX, iniciou-se a tomada e ocupação de seu território por não-índios, principalmente com a finalidade da criação de gado que estava se alastrando pela região. Os órgãos governamentais pregavam a existência de grandes vazios demográficos no Pantanal, ignorando a presença dos povos indígenas, na tentativa de atrair mais fazendeiros para o devassamento da bacia do alto Paraguai. Nesse momento, as terras ocupadas pelos Guató se tornaram bastantes atrativas para a criação de gado, principalmente aquelas compostas de grandes campos nativos. Nesses campos, provavelmente os aterros indígenas passaram a ser os locais escolhidos para a construção de sedes de fazenda e currais de gado, por exemplo. (SILVA, Giovani José: 2008).

O século XX é marcado pela continuidade da pressão das frentes econômicas sobre o território Guató. A criação de gado se intensifica fazendo com que essa população passe a buscar locais de difícil acesso para os criadores. Desta forma um dos locais escolhidos pelos Guató passa a ser a Ilha Insua:

A solução encontrada por muitas famílias indígenas foi procurar refúgio em áreas de difícil acesso para os criadores de gado. Uma dessas áreas foi a Ilha Ínsua ou Bela Vista. Outras famílias permaneceram em seus territórios, resistindo de diversas maneiras, inclusive trabalhando nas fazendas de gado com a finalidade, também, de continuar mantendo vínculos tradicionais com seu território. (SILVA, Giovani José: 2008).

Mas a escolha deste local não impede a atuação dos criadores que começam a levar cabeças de gado para a Ilha no início do século XX:

No entanto, no limiar do século XX, a Ilha Ínsua também passou a ser alvo de invasões por parte de novos fazendeiros, os quais soltavam o gado para destruir as plantações das famílias indígenas, assim como muitos dos recursos naturais ali disponíveis. Nessa época, a mobilidade espacial dos Guató parece ter sofrido alguma diminuição, pois eles já não mais dispunham de um imenso território para nele se locomover e viver de acordo com seus usos, costumes e tradições. Também a agricultura paulatinamente parece que passou a ter mais importância na economia do grupo, embora atividades ligadas à coleta, à caça e à pesca ainda fossem de grande relevância no que se refere à subsistência das famílias. (SILVA, Giovani José: 2008).

À medida que o processo de ocupação de seus territórios avança os Guató acabam expulsos e muitos passam a viver nas periferias da cidade de Corumbá, Ladario, Aquidauana, Poconé e Cáceres. No entanto os poucos moradores que ainda ficaram na ilha observaram a instalação de uma base militar do exército brasileiro a partir de década de 1950.

Considerados extintos nos anos de 1970 passam a lutar pelo seu reconhecimento e pelo retorno ao seu local de ocupação tradicional:

Enquanto isso, os Guató continuavam em seu estado de *extinção* até o ano de 1976, quando a irmã salesiana Ada Gambarotto encontrou, em Corumbá, com a dona Josefina, filha de uma Guató com um não-índio. Irmã Ada Gambarotto, juntamente com a Pastoral Indigenista e outras entidades de apoio à causa indígena, comprovaram a existência dos Guató; organizaram excursões e descobriram que eles estavam em maior número do que se imaginava. Somou-se a esse grupo de apoio a lingüística Adair Pimentel Barbosa, quem passou não apenas a estudar a língua guató, mas a atuar em defesa dos direitos do grupo. Assim, o grupo começou a se reorganizar, a realizar reuniões e atividades para levar até sociedade civil organizada os problemas por eles vividos. Os Guató passaram a lutar pelo seu reconhecimento étnico. (SILVA, Giovani José: 2008).

Com organização e apoio passam a exigir a atuação da FUNAI para o início do processo de reconhecimento de suas terras. Os trabalhos são iniciados em 1977 e passam a existir negociações com o exercito brasileiro.

Nesse contexto, a atuação da Funai iniciou-se no ano de 1977, com a comprovação da existência dos Guató. A partir daí, algumas expedições foram organizadas pelo órgão indigenista oficial e pela Pastoral Missionária Indigenista, culminando com o reconhecimento da área como terra de ocupação tradicional indígena. Começou, então, a luta pela Ilha Ínsua, visto que o local pertencia ao Exército e, se fosse declarada como área indígena, nenhum não-índio poderia habitar o local, nem mesmo o Exército, que alegava tratar-se de uma área de segurança nacional, pois a ilha está localizada na fronteira Brasil-Bolívia. Essa disputa judicial, entre o Ministério do Exército e a Funai, perdurou durante anos, até o momento em que ambos acertaram um acordo. Por meio desse acordo ficou acertado que Exército permaneceria em uma parte da ilha e os Guató em outra. (SILVA, Giovani José: 2008)

Segundo os dados da FUNASA são aproximadamente 180 Guató distribuídos em uma área de aproximadamente 10.000 hectares. O número de residências chega a 35 casas. Na área indígena conta ainda com escola e posto de saúde.



Foto: Fabio Martinelli – Ilha Insua/MS

## 2 OBJETIVOS

Ao buscar uma abordagem interdisciplinar este trabalho pretende unir conhecimentos da Geografia e Antropologia para a produção de um mapa que permita o

registro de informações sobre os Guató e o local onde habitam. Os objetivos envolvem os seguintes aspectos:

- Possibilitar a visualização do território Guató (Ilha Insua) utilizando mapas digitais que apresentem as informações coletadas por meio de questionários, fotografias e cartografia.
- Organizar um banco de dados que contenha informações de diversos aspectos da etnia Guató de Ilha Insua/MS, utilizando-o como uma ferramenta de estudo, consulta e acesso aos dados do grupo.
- Envolver os alunos do curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal-MS nas atividades de pesquisa e iniciá-los na prática científica.
- Com os dados coletados, subsidiar a produção de material didático e novas/outras alternativas pedagógicas.
- Fornecer essas informações à população estudada como suporte para políticas públicas de atendimento as populações indígenas
- Apresentar em mídia online os resultados do projeto

### **3 METODOLOGIA**

Este trabalho será organizado em varias fases utilizando como ferramenta o GPS (Global Position System) que fornecerá as coordenadas dos locais a serem registrados (residências, escola, posto de saúde...). Os dados coletados pelo GPS serão coletados pelos professores do curso e os cursistas envolvidos no projeto.

Concomitante a este trabalho será utilizado um questionário que buscará levantar diversas informações. Os dados destacaram os seguintes pontos:

- Número de pessoas por residência.
- Nome das pessoas
- Quadro de parentesco (pai, mãe, filha, avós, tios, etc.)
- Data de chegada à ilha?
- Tempo que reside nesta casa?

Ao realizar o levantamento de informações será feito o registro fotográfico das famílias e dos locais de ocupação. (residências, construções utilizadas, roças, áreas de coleta...).

Este trabalho estará utilizando o método genealógico. O método consiste em entrevistas a uma pessoa perguntando-lhe quem são seus parentes, tanto consanguíneos quanto por casamento, desde a família nuclear, passando por parentes por adoção, até quando for possível se expandir no tempo e no espaço pela memória do pesquisado.

O resultado imediato desse método é a elaboração de árvore genealógica, ou que em antropologia é chamado de “quadro de parentesco”. Em culturas como a brasileira, em que parentes laterais (paterno e materno) são reconhecidos de igual importância, esse quadro é chamado de “parentela”. Em culturas que dão mais importância ao lado paterno ou materno (patrilateral ou matrilateral), o quadro de parentesco tende a ser mais lembrado por um lado ou outro.

O que mais vale na elaboração do quadro de parentesco é que o pesquisador vai descobrindo e registrando uma imensa gama de dados, eventos sociais, características culturais e tantas outras coisas não só relativas aos parentes, mas à sociedade mais ampla. Com isso, fica desenhado um sistema de relacionamento que transcende a informação básica sobre o pesquisado.

Ao realizar esse levantamento de informações os dados serão organizados e manipulados através de programas de computador para chegar ao resultado desejado.

A manipulação dos dados fornecidos pelo GPS será trabalhada através de metodologias relacionadas ao Geoprocessamento. Segundo Smaniotto, Geoprocessamento é o conjunto de tecnologias que integram as fases de coleta e processamento de dados e uso de informações relacionadas ao espaço físico (Terra), seus cruzamentos, análises e produtos.

Para uma melhor ilustração tomemos um exemplo concreto. Em 1854, Londres estava sofrendo uma grave epidemia de cólera, doença sobre a qual na época não se conhecia a forma de contaminação. Numa situação aonde já havia ocorrido mais de 500 mortes, o doutor John Snow teve um “estalo”: colocar no mapa da cidade a localização dos doentes de cólera e dos poços de água (naquele tempo a fonte principal de água dos habitantes da cidade). Com a espacialização dos dados, o doutor Snow percebeu que a maioria dos casos estava concentrada em torno do poço da “Broad Street” e ordenou a sua lacração, o que contribuiu em muito para debelar a epidemia. Este caso forneceu evidência empírica para a hipótese (depois comprovada) de que a cólera é transmitida por ingestão de água contaminada. Esta é uma situação típica aonde a relação espacial entre os dados muito dificilmente seria inferida pela simples listagem dos casos de cólera e dos poços. O mapa do doutor Snow passou para a História como um dos primeiros exemplos que ilustra bem o poder explicativo da análise espacial, base de um sistema de geoprocessamento. (SMANIOTTO, Celso R. 2000).



Geoprocessamento denota a disciplina do conhecimento que utiliza técnicas matemáticas e computacionais para o tratamento da informação geográfica. As ferramentas computacionais para geoprocessamento são: topografia, fotogrametria, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite, geoestatística, banco de dados geográficos, *webmapping* e SIG (Sistema de Informação Geográfica).

Como já citado, a ideia principal do projeto é fazer um mapa digitalizado contendo os dados das residências. Assim, serão utilizados *softwares* de computação gráfica para melhor organização das informações coletados e apresentação das mesmas em tabelas, figuras e/ou vídeos. Serão utilizadas duas ferramentas que estão à disposição no site <http://www.myheritage.com.br/>. A primeira delas é a Family Pages, que é uma página de internet na qual o usuário pode compartilhar informações de sua família como fotos, genealogia, notícias e eventos. A segunda é o software Family Tree Builder, que é uma ótima ferramenta para configurar uma árvore genealógica. É de fácil manuseio e é possível publicar os dados nele contidos para a página de internet. Além dessas ferramentas serão utilizados os seguintes softwares:

After Effects: finalização dos vídeos;

Adobe Photoshop: tratamento de fotografias, imagens, mapas e figuras;

Corel Draw: organização da parte gráfica do projeto, logomarca.

Spring: Sistema de Processamento de Informações Georreferenciadas

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o esforço de vários pesquisadores indígenas e não indígenas este trabalho busca realizar um registro da História das famílias Guató que vivem, na Ilha Insua, em Mato Grosso do Sul através da organização de materiais que possam ser utilizados para futuras pesquisas. Ao mesmo tempo estimular a produção de materiais didáticos que possam ser utilizados em sala de aula em escolas indígenas e não indígenas. Sendo assim este trabalho abre caminho para futuras pesquisas nas diversas áreas do conhecimento.

#### **REFERÊNCIAS**

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. *Naufragios Y Comentarios*. Tradução Jurandir Soares dos Santos – 2 Ed. – Porto Alegre: L & PM, 2007. 232 p.

CABRAL, Paulo Eduardo, Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul: Algumas Reflexões – Secretaria Estadual de Educação – Campo Grande-MS, 2002. 110p.

MARTINELLI, Fabio Silva. Guató: - A trajetória de uma comunidade indígena na Educação Ambiental. SENAC/AM, 2010.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Guató: Argonautas do Pantanal. Porto Alegre: Edípucrs,1996.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Mande Ru Marangatu: laudo pericial sobre uma terra Kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul./ Jorge Eremites de Oliveira, Levi Marques Pereira. – Dourados,MS: UFGD, 2009.

RIBEIRO, Marilene da Silva. *Uma ilha na história de um povo canoero: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX) /*. – Dourados, MS: UFMS, Campus de Dourados, 2005. 148p.

SCHMIDT, Max. *Estudos de Etnologia Brasileira*. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942 (Coleção Brasileira. Série 5ª. Vol. 2).

SILVA, Giovani José, verbete para o Instituto Sócio Ambiental: Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/>> Acesso em 31 maio de 2010.

SMANIOTTO, Celso Rubens. Modelagem de SIG para Fiscalização e Licenciamento de Recursos Naturais: Um estudo de Caso para a Vegetação Natural do Estado de Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado, Presidente Prudente-SP: UNESP, 2000.